

Via crucis de Planaltina

Danielle Romani
de Brasília

(Continuação da Primeira Página)

Polêmicas à parte, há quem pense que o evento poderia gerar bons negócios, caso houvesse planejamento do Governo do Distrito Federal, a exemplo de Anísio de Souza Lobo, presidente da Associação Comercial de Planaltina. "As pessoas realmente passam por fora. Mas isso se deve à ausência de eventos mensais que chamem atenção para o potencial turístico de Planaltina", diz Anísio, que garante: há vários anos a Associação vem fazendo propostas à Administração Regional.

Investimentos

Os administradores admitem que o fluxo de negócios gerados ainda é pequeno. Mas ressaltam que o evento não faz parte apenas do calendário turístico local, e sim do DF. "Somente este ano, foram investidos cerca de R\$ 205 mil no evento. Mas o que temos que ver, é que este evento não é exclusivo de Planaltina, mas faz parte do plano turístico do Distrito Federal, e o retorno

pode ser visto como um todo para a região, que está recebendo este fluxo turístico", diz Nilton Gonçalves Guimarães, administrador da cidade.

A administração ressalta, ainda, que existem ganhos setoriais: para a Sexta-Feira da Paixão, o ponto máximo da Via Sacra ao Vivo, são licenciados espaços para instalação de 200 barracas no Morro da Capelinha, ao custo de R\$ 5. "Essas pessoas vendem comida, refrigerante, lembranças, e certamente têm um bom retorno", observa José Beethoven, assessor de comunicação social da administração.

Outro ponto destacado pela Administração Regional, é o envolvimento do GDF com a Via Sacra. "Aportamos recursos para a festa, mas eles também vieram das Secretaria de Turismo, Cultura, Comunicação Social, Obras, além do apoio da Polícia Militar. Há um projeto de ampliação de contatos com empresas e agências de turismo, para maior divulgação do evento", garante o administrador.

Responsável pelas licitações para compra do material necessário à realização da festa, a administração afirma que os empresários locais, pelo pequeno porte, têm dificuldades em ganhar as concorrências públicas, principalmente no tocante a situação tributária junto ao GDF e Receita Federal. "Eles dificilmente atendem a todos os itens exigidos por Lei", diz Sueli Maria, da Divisão de Administração Geral, setor responsável pelos contratos.

Mas ela ressalta que está começando a surgir exceções: o Armarinho e Papelaria Mil Presentes, empresa da cidade, foi um dos que conseguiu vencer a barreira dos grandes, e deve embolsar cerca de R\$ 4 mil para fornecimento de linhas e aviamentos à confecção das roupas. Outros empresários do DF, também lucraram este ano com a Via Sacra.